



FABRICAÇÃO DO REI: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE LUÍS XIV

Renata Maria Victor de Araújo

Resumo: O presente trabalho apresenta uma breve exposição sobre o processo de construção da imagem pública de Luís XIV, conhecido também pelo “Rei Sol”. Ressaltaremos a corrente teórica abordada pelo historiador Peter Burke, bem como a metodologia empregada em sua pesquisa.

Palavras-chave: História; Imagem; Luís XIV; Peter Burke.

Peter Burke nasceu em 1937, na Inglaterra. Ele é um renomado historiador, especialista em Idade Moderna europeia, aborda assuntos da atualidade e enfatiza a relevância de aspectos socioculturais em suas análises. Burke é referência viva da Nova História, terceira fase da Escola de Annales. Suas linhas de estudo são as histórias das mentalidades e a social, em relação aos acontecimentos políticos.

A obra “A Fabricação do Rei” trata-se de um estudo sobre a produção imagética, da ascensão e declínio de Luís XIV. Assim, o texto gira em torno da relação arte e poder, e como as imagens do rei ocupavam a imaginação coletiva.

Na análise está a noção de estratégia, na qual a propaganda surge como meio de assegurar a submissão e poder. A construção do monarca a glória, a vitória, o prestígio e a grandeza transformam-se em imagens suficientemente fortes para garantir a estabilidade do reino. Burke se preocupado com a interpretação, mas do que o acontecimento, privilegia a imagem em detrimento do homem.

O processo de fabricação da imagem pública desse soberano tem início no seu nascimento em 1638. Luís XIV, filho de Luís XIII e Ana de Áustria, foi festejado em



toda França, com fogueiras e fogos de artifício, salvas de canhões, repicas de sinos, poemas e sermões. Tommaso Campanella, filósofo italiano exilado na França, fez um poema apresentando o bebê como um messias, que traria muita riqueza a França. Em 1643, morre o rei Luís XIII, assim o menino, com menos de quatro anos, foi levado ao trono. Nesse momento, sua imagem mudou, ela passou a ser apresentado envergando o manto real. Na sequência, foi mostrado sentado ao trono segurando um bastão de comando, em outros momentos aparecia de armadura. Em 1654 Luís foi coroado, com a presença de embaixadores estrangeiros e pelo povo.

As imagens eram distribuídas através de diferentes meios de comunicação com o propósito de mostrar o seu poder e também sua glória. E, também, poderiam mudar com o passar dos anos ou por motivo de algum acontecimento. Isto quer dizer que as representações eram forjadas de acordo com os interesses de determinado contexto histórico: “A imagem do rei estava sob constante revisão. Assim, por exemplo, novas moedas eram cunhadas para celebrar, ou reinterpretar, acontecimentos ocorridos em épocas anteriores do reinado” (BURKE, 1994, p. 15).

Burke analisa os meios utilizados na fabricação do rei. Entre esses meios destacam-se as pinturas, medalhas, peças teatrais, tapeçaria, gravuras em madeira. A imagem real também era construída com palavras orais e escritas. Em seguida, o autor analisará os gêneros e suas funções, pois para ele cada gênero tinha as próprias convenções ou fórmulas.

Entre os gêneros escritos têm destaque a poesia, o panegírico e os sermões. A poesia era um gênero importante, que possuía suas regras compiladas em tratados formais e nas *Artpoétique* (1674). Os poetas utilizavam os versos para enaltecer as habilidades vitoriosas do rei. O panegírico era uma forma sutil de aconselhar, descrevendo o príncipe não como era, mas como desejasse que fosse. E quanto aos sermões, eram uma forma de discurso muito apreciada na época. Pregar era uma arte. Os pregadores da corte comparavam o monarca francês com a monarquia sagrada de Saul e Davi, descrita no Antigo Testamento, e exaltavam Luís muito antes de seu funeral.



Já na pintura a narrativa é apresentada nos solenes retratos, representado com vestes e objetos ostensivos, destacando a beleza e mostrando grandiosidade.

Luís XIV envolto por biógrafos, artistas, artesãos, alfaiates, escultores, cientistas, poetas, escritores e historiadores; todos unidos em torno de um só propósito: fazer do rei um exemplo, um símbolo público da glória; uma representação fiel de Deus na terra.

A maioria das pinturas do rei se enquadra no gênero a que os historiadores da arte chamam de “retrato solene”, construídas segundo a “retórica da imagem” (...) Nesses retratos solenes, a pessoa é geralmente apresentada em tamanho natural ou até maior de pé ou sentada num trono (...) usa armadura como símbolo de coragem, ou roupas ricas, como sinal de posição social elevada, e está cercado por objetos associados e a magnificência colunas clássicas, cortinas de veludo. (BURKE, 1994, p. 31).

Uma das mais famosas pinturas do artista francês de origem espanhola, François José Hyacinthe Rigaud, foi o retrato de Louis XIV de 1701, que hoje se encontra no Louvre. Especializado em retratos, Hyacinthe Rigaud, foi o mais importante pintor de retratos na corte de Luís XIV da França, marcado pela precisão dos detalhes nas suas pinturas.



Fig.1 Retrato de Luís XIV, de Hyacinthe Rigaud - óleo sobre tela - 279 x 190 cm, c.1700. Museu du Louvre (Paris, France). Fonte: BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luís XIV.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.



Burke, faz menção a Nibert Elias em uma argumentação paralela a Marc Bloch a respeito do toque real. O valor que o toque do rei tinha para seu governo. O toque sagrado, para seus súditos ele realmente curava, o rei era guiado por uma luz divina.

O exemplo da manipulação simbólica do poder, a realeza evidencia, com sua etiqueta, a importância do ritual na construção da imagem pública. A monarquia é, nesse sentido, um bom pretexto para a discussão dos vínculos entre política e manipulação do imaginário simbólico. O ritual suntuoso da monarquia deixa ainda mais evidente como a propaganda e a política mantiveram sempre relações de profunda e estreita afinidade.

Uma característica marcante do governo de Luís XIV foi sua declaração de que iria governar sozinho, no entanto sempre teve influência de Colbert e conseqüentemente seus homens Chapelain, Lebrun e Charles Perrault. Entretanto, Colbert não tinha domínio sobre as maiores paixões do rei, que eram o ballet e a ópera.

As celebrações gloriosas, as esculturas e pinturas direcionadas ao governo de Luís XIV eram divulgadas por todo o reino. Desta forma, trataram de criar um sistema de academias, que cuidavam da imagem pública do rei, ou seja, a fabricação do rei era supervisionada por um comitê. Mas não só as artes foram usadas para causar impacto sobre a Europa, outro método empregado foi a arquitetura. Os mais importantes projetos artísticos foram a reconstrução de Louvre e Versalhes.

Versalhes evoca não somente uma construção, mas um mundo social, o da corte em particular ritualização da vida cotidiana do rei. Os atos como levantar de manhã, as refeições, as missas diárias, as reuniões com os conselheiros, suas campanhas, suas expedições de caça e as constantes festas.

Burke (1994, p. 83-96), "Os anos de Vitórias", afirma que Luís XIV participa de duas grandes guerras. E, é a partir dessas duas que ele começa a construir a sua imagem como: Grande rei; Pacificador da Europa e Grande Conquistador. A primeira dessas guerras foi a Guerra da Devolução. Tal conflito aconteceu após a morte de Felipe IV, pai de sua esposa. Luís queria impor seu domínio aos Países Baixos espanhóis. Para isso, foram preparados panfletos que apresentavam Luís como um



soberano que queria apenas usufruir de seu legítimo direito. Os panfletos foram seguidos de uma invasão francesa aos Países Baixos. Luís comandou pessoalmente as tropas, rompendo com a tradição. Levou sua corte e também dois pintores para dar maior verossimilhança a história. Após a guerra criou-se um concurso sobre o tema: “Luís pacifica a Europa”. Quem ganhou o concurso foi Van de Meulen que criou quatro quadros que mostram Luís na Guerra (BURKE, 1994, p. 84).

A partir dessas vitórias, o rei passou a ser chamado de “Luís o Grande”. Foram confeccionados: medalhas, pinturas e a construção do arco Place du Trône foi iniciada, mas nunca concluída. Poetas e historiadores também contribuíram para a glória do rei, principalmente quando o comparavam a São Luís nas Cruzadas. (BURKE, 1994, p. 86 -87).

“O Pôr-do-sol”, Burke (1994, 119-135) ressalta o fim da vida de Luís XIV. Em 1688, Luís XIV já contava 50 anos, um velho para os padrões da época. Perdeu quase todos os dentes após uma cirurgia, sofria de gota e andava pelo palácio de Versalhes de cadeira de rodas. A imagem decadente do rei começou a ser menos vista após o famoso quadro pintado por Rigaud em 1701. Este período ficou conhecido por se um período sem paz e sem vitórias. Os artistas e escritores que criavam as imagens de Luís eram também menos categorizados que antes. Essa escassez de talento levou historiadores a falar de uma “crise da literatura francesa” desse período.

“A Crise das Representações” o autor aborda as discrepâncias entre a imagem oficial do rei e a realidade cotidiana. Isso era evidente na aparência física do rei que não era condizente com o retratado oficialmente. O rei era gordo, media apenas 1,60 de altura, não tinha dentes e nem cabelo. Por isso, era necessário que o mesmo usasse perucas, saltos altos, vestes que disfarçavam seu porte físico, etc. Outras discrepâncias apareciam nos relatos oficiais das façanhas do rei. Criou-se o mito de que o rei da França era invencível, sendo assim incompatível com as derrotas francesas. Por isso, mesmo houve a supressão, a invenção (pseudo-eventos) e a correção de vários eventos, com o intuito de manter a imagem do Grande Rei Luís XIV (BURKE, 1994, p. 137-138).



Por fim, Burke mostra que o ciclo da vida pessoal e social do Luís XIV foi marcado por um sistema da construção de representações, utilizado de propaganda para assegurar o poder.

No entanto, os meios de comunicação não eram de massa, e sim voltados para a elite.

Referências

BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei**: A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

CHARTIER, Roger. **Formación social y economía psíquica**: la sociedad cortesana en el proceso de civilización. In: CHARTIER, Roger. El mundo como representación: historia cultural entre práctica y representación. Barcelona: Gedisa, 2002.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Referência de fontes online

<http://ensinarhistoriajoelza.com.br>

<http://.historia.uff.br/cantareira/mat/res3.htm>